

O MOBRAL E AS VOZES DOS SUJEITOS SERTANEJOS, APÓS QUATRO DÉCADAS

Jailson Costa da Silva – UFAL

Marinaide Lima de Queiroz Freitas – UFAL

Agência Financiadora: CAPES

Aí não há o deserto, mas há muito de deserto. Na capina imensa, onde se achatam colinas baixas, a vegetação espinhosa definha; os rios se infiltram na areia ou formam poços na pedra; aqui e ali surgem bebedouros de água lamacenta; a terra é dura, torrada, pedregosa, varrida constantemente pelos redemoinhos.

Graciliano Ramos
Viventes das Alagoas

1 Considerações iniciais

Este artigo resultado de uma pesquisa realizada no período de 2010-2012, que teve como objetivo situar após quatro décadas, os impactos/contribuições do Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL)¹ na formação dos alunos e alunas no sertão alagoano, no período de 1970-1985. Partiu da seguinte problematização: **Quais foram os impactos/contribuições das ações de alfabetização implementadas pelo MOBRAL para os ex-alfabetizados do Município de Santana do Ipanema /AL, no período de 1970-1985?**

Essa problematização desdobrou-se, nas indagações que se seguem:

Qual o significado da alfabetização do MOBRAL, para os ex-alunos sertanejos? Em que contribuiu? Quais as possibilidades concretas de prosseguimento dos estudos, promovidas pelo Movimento? Se houve possibilidades de continuidade dos estudos, como se deu para os ex-alunos? Quais os empecilhos? O que fazem atualmente, esses ex-alunos?

Entendemos impactos/contribuições como mudanças que ocorreram na vida dos ex-alfabetizados, independente de terem ou não prosseguido os estudos. Por continuidade dos estudos, compreendemos o percurso da alfabetização ao ensino superior, considerando repetidas saídas e entradas, no sistema educacional.

¹Antes do surgimento da grande campanha de alfabetização de adultos, denominada MOBRAL, contou-se com outra, sem muita repercussão no sertão alagoano, que envolvia, além da alfabetização, como diz Paiva. (2003), diferentes níveis de ensino, chamada Cruzada de Ação Básica Cristã (CABC), proveniente de convênios estabelecidos entre o Ministério da Educação e Cultura e a *United States Agency for International Development* MEC/USAID. Com a submissão da referida Cruzada, surge a Fundação MOBRAL pela Lei de nº 5.379 de 15 de dezembro de 1967, mas somente em 1970 transformou-se em organismo executor de um programa de alfabetização.

No percurso da investigação ficou explícito como é restrita a literatura² sobre o MOBRAL no Brasil. Apesar e termos utilizado Corrêa (1979), Lima (2010), Jannuzzi (1987), dentre outros, houve uma predominância dos escritos de Paiva (2003), tendo nós a clareza que sua obra traz uma leitura monolítica sobre o Movimento em estudo. No tocante a cidade de Santana do Ipanema, situada no Médio Sertão de Alagoas³, *locus* da pesquisa, os poucos achados em relação à memória escrita foi livro de Melo, F. e Melo, D. (1976)⁴ e um outro de Ricardo (2009), escritores da localidade.

Considerando, ainda, a ausência de memória escrita, sobre o MOBRAL no sertão alagoano foi necessário, recorreremos à história oral tendo como base Bosi (1994), Portelli (2010) e Thompson (1992), partindo do pressuposto de que a não valorização dos saberes acumulados pelos que vivenciaram a história pode resultar no fim da memória, com isso, acreditamos estar evitando, pelo menos em parte, que as memórias dos sertanejos morram, ou sejam esquecidas, reconhecendo o valor implícito na história oral, enquanto metodologia de pesquisa. Reconhecendo como afirma Thompson (1992, p. 197), que:

Toda fonte de história derivada da percepção humana é subjetiva, mas apenas a fonte oral permite-nos desafiar essa subjetividade: deslocar as camadas de memória, cavar fundo em suas sombras, na expectativa de atingir a verdade oculta.

Os depoimentos dos ex-alfabetizados sobre o significado do MOBRAL em suas vidas e a possibilidade da continuidade dos estudos, por meio de entrevistas nos permitiram observar de perto as questões subjetivas em seus testemunhos, na tentativa de uma maior compreensão do que foi posto acerca dos fatos vividos.

Tendo consciência que cabe ao pesquisador agir de maneira sensível ao analisar os depoimentos, concordamos com Bosi (1994, p. 21) ao destacar que “Uma lembrança é um diamante bruto que precisa ser lapidado pelo espírito”. Nesse sentido, nos preocupamos em apresentar, neste trabalho, relatos que demonstram as condições dos sertanejos, naquele contexto. Nessa perspectiva o entrevistado deixa de ser apenas um “objeto” e passa ser um sujeito da pesquisa. Nesse sentido, Portelli (2010, p. 213), esclarece que: “É necessário perceber que a entrevista é uma experiência de aprendizado: o pesquisador pode ter uma série

² Realizamos um levantamento bibliográfico como todo estudo histórico e científico requer. Como afirmam Fávero *et al* (2012, p. 172), “[...] é impossível praticamente desenvolver [...]” um estudo deste porte “[...] sem a fundamentação, em pressupostos que direcionem “a reconstrução” (grifos dos autores) do objeto”.

³ Território que abriga nove municípios. Santana do Ipanema foi escolhida para ser *locus* da pesquisa, uma vez que no mapeamento realizado, apresentou inúmeras evidências de atuação do MOBRAL, no recorte histórico de 1970 a 1985.

⁴ A implantação do MOBRAL, em Santana do Ipanema deu-se em 1971 (MELO, F. e MELO, D., 1976).

de títulos acadêmicos e o narrador pode ser analfabeto, mas é este quem possui o conhecimento que buscamos.” Assim de “ouvidos abertos” às vozes dos nossos entrevistados, registramos saberes que na região do sertão muitas vezes são negados e desvalorizados, como conhecimento advindo do senso comum.

Neste artigo caracterizamos o *locus* da pesquisa e os sertanejos ex-alunos do MOBREAL, comentamos sobre o significado do referido Movimento na vida desses sujeitos, bem como as possibilidades ou não de prosseguimento dos estudos, aos recém-alfabetizados pelo Programa de Alfabetização Funcional (PAF) implementado pelo Movimento.

2 O lugar de fala e a caracterização dos ex-alunos sertanejos do MOBREAL

Santana do Ipanema faz parte dos sertões, que são feitos de representações espaciais datadas. Construídas historicamente pelo imaginário social e pelas ações dos homens nas quais, inevitavelmente, esse imaginário está incluído. Feito também de grafias produzidas pelos sujeitos de fora e de dentro dos espaços grafados. Grafias essas “susceptíveis a rasuras e reescritas diversas que revelam o cotidiano dos homens, com suas ambiguidades e contradições, em tempos e espaços específicos, de acordo com as representações selecionadas para o estudo desses espaços.” (MELO, A., 2006, p. 85).

Ao apresentarem o contexto histórico do município sertanejo de Santana do Ipanema, enfatizando a década de 1970, Melo, F. e Melo, D. (1976, p. 82) esclarecem que se tratava, à época, de uma região de base: “Agropecuária apesar da seca cíclica”. Destacam que, considerando que os animais eram criados livremente na mata, o leite recolhido era pouco e se destinava apenas para a alimentação das crianças. Os adultos:

[...] trabalhavam no campo ou eram vaqueiros ou então ganhavam por dia de trabalho realizado na roça, correndo tudo por conta, isto é, alimentação e ferramenta própria de trabalho ou cavalo equipado para vaquejar o gado. Os moradores rurais ocupavam casinhas ou casas de palha dentro da fazenda, ou casas de taipa, sem nada pagar de aluguel; entretanto não se falava em direito algum, a reclamar. (MELO, F., MELO, D. 1976, p. 83).

Nesse contexto, encontram-se os sujeitos sertanejos ex-alunos do MOBREAL, que tiveram suas vidas marcadas nos campos histórico, político e econômico caracterizadores das reais condições sociais dessa população, evidenciada nos estudos de Moreira (2011, p. 158) como seres de um “Ser-tão espacial que com ele e por meio dele o geográfico se torna mundo, seja o recorte de sertão em que o homem estiver”, deparando-se com as dificuldades e limites

enfrentados, no caso específico desse estudo, por aqueles que buscaram na alfabetização uma saída por dias melhores.

O escritor pernambucano Castro (1983, p.260), ao apresentar aspectos acerca da difícil condição de sobrevivência dos sertanejos esclarece que: “Muito mais do que a seca, o que acarreta a fome no Nordeste é o pauperismo generalizado, a proletarização progressiva, é magreza, é miséria relativa ou absoluta, segundo chova ou não chova no sertão.” Essa penúria que afeta a existência dos sertanejos, os tem tornado reféns dos processos de exclusão que se propagam constantemente no âmbito das camadas pobres da sociedade brasileira. Em meio a essas exclusões ganham destaque a negação de vários direitos como educação, saúde, moradia, entre outros.

Trata-se de uma vida de marginalização, que foi constituída de forma histórica e sociocultural, submetendo os indivíduos às condições de pobreza e até de miséria. Castro (1983) destaca que a superação dessa condição de vida do povo sertanejo só poderá ir encontrando um caminho certo por meio da efetivação da tão esperada reforma agrária; que seja capaz de favorecer os sujeitos trabalhadores até então explorados. Para o autor: Todas as medidas e iniciativas não passarão de paliativos, “[...] enquanto não se proceder a uma reforma agrária racional que liberte as suas populações da servidão da terra, pondo a terra à servidão de suas necessidades.” (p. 261).

O assistencialismo foi sempre um impeditivo para o povo sertanejo romper com o conformismo alienante que impede o seu crescimento enquanto “sujeito”, deixando-o na condição de “objeto”. Nesse sentido, o escritor alagoano Ramos (2007, p. 171), retrata em uma de suas obras a deplorável situação dos sertanejos, ao afirmar que impossibilitados de adquirirem felicidade, buscam fragmentos dessa felicidade, em vista da situação precária em que vivem, e complementa o autor:

Esses fragmentos são de ordinário representados por quantias insignificantes. Sabemos que a posse delas nada resolve definitivamente, que nossa vida não se endireitará com tão pouco e, consumidas essas ínfimas parcelas de riqueza, a necessidade voltará e teremos de apelar para um novo golpe de sorte.

Relegados à sorte, os sertanejos seguem o seu trajeto na busca constante por dias melhores, lutando incessantemente pela sobrevivência, e nessa busca constante tornam-se vítimas fáceis dos exploradores. Uma vez que, tomados pelo imediatismo pouco esperam do futuro distante, conformando-se com as precárias “soluções” imediatas, pois: “Não podemos pensar no futuro quando o presente é incerteza e confusão, respiraremos com alívio se as

nossas dificuldades irremediáveis forem procrastinadas por um mês, uma semana, um dia. Esperaremos que tudo se arranje depois.” (RAMOS, 2007, p. 171).

A epígrafe que abre este artigo, da obra de Ramos (2007), traduz a realidade do sertão alagoano, onde a ausência de chuva faz o sertanejo enfrentar momentos perversos em suas vidas, onde se degradam os animais e as pessoas que ali habitam, atrelado ao fato de ausência de políticas públicas na região. Dessa forma, pode-se constatar que realmente vive-se numa localidade onde “[...] não há deserto, mas há muito de deserto.” (Ibid., p. 13).

A luta pela sobrevivência não deu espaço, na maioria das vezes, para o santanense dedicar-se aos estudos que eram oferecidos pelas ações de alfabetização do MOBRAL, naquela época. O trabalho exaustivo na agricultura e na pecuária, que em muitos casos era realizado nas terras dos proprietários mais abastados da região, o levava ao desânimo; o cansaço físico tirava-lhe o estímulo de frequentar as salas de alfabetização de jovens e adultos do MOBRAL nas cidades, vilas, povoados e sítios do Sertão Alagoano. Esta situação exaustiva de luta pela sobrevivência está explícita no depoimento de um ex-aluno que passou pela alfabetização do MOBRAL:

Em 70 foi muito difícil, nós subia era uma serra pra ir buscar palma pro gado, nós sai de quatro horas da manhã de casa num carro de boi pra chegar em casa uma, duas horas da tarde, e só levava rapadura num saco com farinha seca, e quando descia a serra era catando Ouricuri pra comer e bebendo água nas cacimbas, e não era só nós não, muita gente sofreu naquela época; aí como era que você ia aguentar ir de noite pra escola? Como era que ia aprender? O primeiro caminho era que os pais dizia que a escola não tinha futuro, ‘_ vamos pra roça que é de lá que você enche a barriga, escola não dá nada a ninguém não’. (JUVENAL, 63 anos).

O relato demonstra a interferência direta do aspecto socioeconômico do país na década de 1970, que afetava, sobretudo, as classes menos favorecidas as quais se destacavam o sertão nordestino, onde a ausência de políticas públicas deixava os indivíduos à mercê da própria sorte, tendo que lutar bravamente para sobreviver.

3 Impactos/contribuições das ações alfabetizadoras do MOBRAL para os sujeitos sertanejos

Nos subitens que se seguem apresentamos os registros advindos das entrevistas realizadas, com os ex-alunos, que nas suas falas destacaram o significado do MOBRAL nas suas vidas e a continuidade dos estudos.

3.1 O significado do MOBRAL

Destacamos nas vozes de dois ex-alunos as afirmações valorativas impactantes sobre o MOBRAL, conforme se seguem. Para um dos sujeitos, ex-aluno entrevistado⁵, com a alfabetização realizada pelo MOBRAL, ele conseguiu “melhorar de vida” e “sair um pouco da ignorância”, porque:

Se não fosse o MOBRAL eu não teria outra oportunidade, até porque na região que eu morava não se oferecia outra linha pra pessoa analfabeta na minha idade, não tinha outro lugar onde a gente estudasse, foi **uma benção de Deus ter se criado o MOBRAL** (grifo nosso) para as pessoas de certa idade estudar. Se não fosse o MOBRAL não teria como nem eu nem outras pessoas, se não fosse o MOBRAL talvez eu hoje fosse analfabeto (FERNANDO, 69 anos).

Este depoimento mostra o valor da alfabetização, mesmo centrada na codificação e decodificação, que permitiu ao Sr. Fernando, à época, identificar palavras, grafar o nome, locomover-se em Santana do Ipanema, o que se traduziu em “sair da ignorância” e “melhorar de vida”, em um local desprovido de outra possibilidade de acesso à escolaridade, independente de faixa etária.

Para Melo, O. (1997), assinar o próprio nome já significa isentar o poder de qualquer culpa em relação à “ignorância” do sujeito. Mesmo tendo depois a oportunidade de continuar os estudos e dedicar-se à docência no ensino fundamental, foi por meio do MOBRAL, que conseguiu, com aproximadamente 22 anos, alfabetizar-se de forma a dominar somente os rudimentos da leitura e da escrita.

A frase utilizada por Fernando ao dizer que “Foi **uma benção de Deus ter-se criado o MOBRAL**” vem marcada pelos valores e usos religiosos e traz no nosso entendimento, certa submissão e obediência ao discurso oficial que criou o MOBRAL. Além de que, há um sentido de que a providência divina fez com que o MOBRAL chegasse ao sertão. Fernando e outros ex-alunos, no dizer de Arroyo (2012, p. 33) são destinatários que agradecem por terem um filho na escola e por terem educação. Para o pesquisador essa realidade está mudando, os Movimentos Sociais não se veem mais como destinatários do governo “Querem se afirmar como sujeitos de direitos”.

Na fala que se segue, outro ex-alfabetizando destaca a relevância do Movimento para os sujeitos trabalhadores: “O MOBRAL foi quem abriu a mente mais um pouquinho do povo

⁵ No intuito de preservar o anonimato dos sujeitos envolvidos na investigação utilizamos nomes fictícios para os ex-alunos.

pra estudar, até pra quem não conhecia a escola, foi uma oportunidade pra quem trabalhava o dia todo, que tivesse coragem de ir estudar à noite” (JUVENAL, 63 anos). Mais uma vez o Movimento aparece, como a primeira oportunidade de alfabetização. Em outra fala Fernando (69 anos), nos diz:

E eu saí do MOBRAL alfabetizado, até por conta do meu esforço né? Cê sabe, na escola tem as pessoas que se esforçam mais de que os outros, uns vão buscar ali com toda garra [característica do sertanejo], e outros ficam à vontade. E eu era assim, **sempre tive muita vontade de aprender a ler, a escrever e também falar com palavras bonitas.**

O interlocutor complementando a sua fala anterior, demonstra que Freire (2011, p. 146), tem razão quando afirma que “A alfabetização não pode ser feita de cima para baixo como uma imposição, mas de dentro para fora pelo próprio analfabeto, apenas com a colaboração do educador”. Ao valorizar o Movimento, valoriza também a si mesmo. Geralmente, os ex-alunos atribuem a Deus seu aprendizado e desconhecem do que são capazes.

Os relatos levam a entender que o fato de o sujeito aprender a assinar o nome era considerado à época, como um impacto relevante nas suas vidas, uma vez que deixavam literalmente de usarem a impressão digital como assinatura, em situações diversas, como recebimento de dinheiro em estabelecimentos bancários.

A todo instante, os ex-alfabetizados fizeram menção tão somente à dimensão técnica da metodologia do MOBRAL, deixando transparecer a ausência do compromisso com a educação significativa, capaz de ajudar o indivíduo a superar a condição de oprimido. O depoimento a seguir é um exemplo, que não foge à regra quando demonstra um pouco da preocupação com a alfabetização apenas rudimentar referindo-se ao material didático utilizado:

Tinha as cartilhas do MOBRAL, tinha aqueles desenhos do boi, uns desenhos bem bonitos que tinha. O desenho acompanhado com as palavras, aí a professora falava a palavra e depois todo mundo repetia aquela palavra, era assim. Depois, na outra semana já vinha outra palavra, por exemplo, tijolo... Aí a gente repetia tudo de novo, até aprender (JUVENAL, 63 anos).

Havia a tentativa de reproduzir as palavras geradoras utilizadas por Freire. Porém percebe-se que existia diferença marcante na utilização das palavras. Enquanto para Freire a preocupação maior estava ligada à conscientização dos sujeitos por meio de palavras, de acordo com a realidade de cada grupo, utilizando a dialogicidade, no MOBRAL as palavras

geradoras eram homogenizadas para todo o país e utilizadas com o intuito de enfatizar tão somente a decodificação de forma mecânica, sem qualquer tipo de politização dos indivíduos, por conta da ideologia do regime, à época⁶.

Essa ideologia no processo de alfabetização do Movimento estava arraigada no valor de produtividade, característica do modelo econômico. Sem essa percepção, os entrevistados veem o MOBRAL como o “divisor de águas” em suas vidas, uma vez que foi por meio dele que tiveram a primeira e única oportunidade de “aprender alguma coisa”. Estas circunstâncias acabaram gerando o conformismo e o saudosismo por eles expressados.

Tomando como base o depoimento a seguir, reportamo-nos mais uma vez ao nosso propósito de tentar mostrar os impactos/contribuições das ações alfabetizadoras do MOBRAL para os sujeitos sertanejos, reconhecendo obviamente os impasses impostos pelo contexto histórico, procurando mostrar que as falas apresentadas são fortemente marcadas por relações sociais características da época. Portanto, é conveniente enfatizar nas análises que: “O ato de palavra não pode separar-se da circunstância” (CERTEAU, 2011, p. 77). Neste sentido, é importante destacar que os sujeitos da pesquisa falam a partir de um contexto caracterizador de seus discursos.

Aí eu passei essa fase de criança até dezesseis anos sem estudo. A minha oportunidade de estudar foi com o MOBRAL. A primeira oportunidade que veio pra mim com a graça de Deus foi o MOBRAL, então eu não deixei passar, então tudo que eu perdi, não por querer e não por culpar minha mãe nem meu pai, foi por causa da época, eu tive que recuperar, e a oportunidade que apareceu foi o MOBRAL (FERNANDO, 69 anos).

Há a existência da ressignificação das práticas de alfabetização por parte dos sujeitos, que de forma estratégica encontraram significados naquele modelo de alfabetização que lhes era oferecido como a única oportunidade de aquisição de novos saberes. Certeau (2011, p. 87) enfatiza que fenômenos como esses são marcados pelo uso de estratégias e táticas, uma vez que: “Sem sair do lugar onde tem que viver e que lhe impõe uma lei, ele aí instaura **pluralidade** e criatividade. Por uma arte de intermediação ele tira daí efeitos imprevistos”.

Ao analisarmos as circunstâncias nas quais essas pessoas encontravam-se, conseguimos entender que a aprendizagem proporcionada pelo Movimento atendeu aos anseios de muitos sertanejos que tinham naquele momento a única oportunidade de aprender as primeiras letras o que os leva a afirmar que o “MOBRAL foi um ponto positivo”.

⁶ Tinha-se uma perspectiva ancorada nos princípios de funcionalidade e aceleração, utilizando-se de “palavras que exprimem as necessidades e interesses básicos dos grupos e da comunidade (funcionalidade), garantindo a rapidez do processo de aprendizagem (aceleração)” (JANNUZZI, 1987, p. 60).

Deduzimos a partir desses relatos, que um grande contingente de pessoas que se matriculou no Programa de Alfabetização Funcional do MOBRAL (centrado no Guia Prático Funcional da UNESCO), mas não deu continuidade aos estudos, tornando-se analfabeto funcional, ao longo de suas vidas vão passando por outros Programas de Alfabetização, a exemplo do PAS e do PBA, com os quais apresentam muitas semelhanças.

A fala do Sr. Juvenal é mais enfática em relação à oportunidade que teve em somente alfabetizar-se, do que à continuidade dos estudos. A valorização do MOBRAL decorre por ter permitido o primeiro contato com a escola. Isso instigou-nos também a imaginar as expectativas frustradas, desse e dos demais sujeitos, que vivenciaram essa realidade e não prosseguiram os estudos.

Nesse sentido, Barreto, V. e Barreto, J. (2005, p. 63), indicam que possibilidades como essa, trazem muitos anseios para os adultos que passam a eleger também o conteúdo escolar, uma vez que esperam “Encontrar lá [na escola], aulas de ler, escrever e falar bem, além das operações aritméticas. Espera obter informações de um mundo distante do seu, marcado por nomenclaturas que ele considera próprias de quem sabe das coisas”.

3.2 A continuidade dos estudos após o MOBRAL

Partindo do pressuposto de que o processo de aquisição da leitura e da escrita demanda a continuidade dos estudos iniciados pela alfabetização, em espaços em que a aprendizagem esteja ligada diretamente aos aspectos sociais e culturais dos educandos, proporcionando o desenvolvimento: “Das habilidades, conhecimentos e atitudes necessários ao uso efetivo e competente da leitura e da escrita nas práticas sociais que envolvem a língua escrita, ou seja, o **letramento**” (SOARES, 2003, p. 89), é que apresentamos, neste subítem, pontos referentes ao prosseguimento dos estudos dos egressos do PAF.

Neste sentido, comentamos as falas dos interlocutores, destacando as possibilidades que o MOBRAL proporcionou aos alfabetizados, bem como os limites desses sujeitos, para a não continuidade, e o que fez com que os alunos prosseguissem os estudos. Aparecem, também, aqueles que mesmo em curto período de tempo, não finalizaram o processo de alfabetização oferecido pelo Movimento. Dona Josefa, habitante da zona rural narrou que, na época havia:

Cinco [irmãos], três mulher e dois homens, mas nenhum estudou só eu que enfrentei e continuei depois do MOBRAL os outros desistiram logo; fizeram

o MOBREAL lá mesmo no sítio onde nós morava e pararam. Também eles não tiveram nem a chance que eu tive de casar e ir morar na rua⁷ (JOSEFA, 62 anos).

Eis a situação de uma pessoa de família humilde, que representa as diversas outras famílias sertanejas que não tiveram a oportunidade de estudar por morarem na zona rural, e serem completamente desassistidas de políticas educacionais. No caso específico de Dona Josefa, o aprender a assinar o nome, aprender a ler e outras coisas iam mais, além do casamento, ao contrário de muitas mulheres, pois foi o matrimônio que provocou seu deslocamento para a zona urbana. Todos fatores fundamentais, para dizer “Fui em frente”, o que significou a continuidade dos estudos, passando inicialmente pelo PAF e o PEI, chegando à Universidade com mais de 60 anos. Diz ainda a declarante “Aí, meu filho... Não parei mais.” Tudo isso, atribui à chegada do MOBREAL ao sertão.

Na voz da interlocutora ficou claro que a ausência de oportunidades na zona rural prejudicou seus irmãos que “Estudaram no MOBREAL, em salas de aula, situadas no sítio onde nós morava e pararam”, não tendo “A chance que eu tive de casar e ir morar na rua”, afirmou Dona Josefa. O Sr. Fernando, de 69 anos, outro ex-aluno entrevistado contou:

Eu fiz também a educação integrada, foi minha 4ª série, e meu estudo foi assim. Eu nunca fui aluno de farda⁸, nunca tive essa oportunidade, fiz o MOBREAL, depois fiz a fase integrada que foi a 4ª série, depois passei pra o ginásio, depois já fui pro Projeto HAPRONT, mim formei dessa maneira com muita dificuldade, não foi com facilidade, porque vim do sítio a pé toda noite era muito difícil.

O Sr. Fernando também continuou os estudos, via PEI, chegou a professor do ensino fundamental. Isso foi resultado de muito esforço. Apresentou as suas dificuldades para complementar a sua escolarização até o ensino médio, porque tinha de se deslocar a pé da zona rural, à noite, para a sede do município, depois de um árduo dia de trabalho.

Segundo os dois entrevistados, poucos colegas, na região do sertão tiveram a força de vontade para enfrentar tais dificuldades, sobretudo, os deslocamentos, tendo em vista o prosseguimento dos estudos. Afirmaram também que, entre os companheiros, existiam aqueles que não conseguiram entender qual era a importância dos estudos. As suas ocupações não exigiam o uso frequente da leitura, escrita, cálculo ou outras questões mais complexas.

⁷ Ao trazer a expressão “morar na rua” a interlocutora quer dizer que deixou o campo para ir morar na cidade. Portanto, o termo “rua” está relacionado à zona urbana, ou seja, à cidade sede do município.

⁸ “Nunca fui aluno de farda” significa, no dizer do nosso depoente, que ele não teve a oportunidade de frequentar o ensino dito regular e que a realização de seus estudos deu-se através dos programas do MOBREAL, com uma passagem pelo então Ginásio.

O mínimo que era oferecido na alfabetização do MOBRAL era considerado por eles o suficiente para a resolução dos seus problemas. O que sabiam, garantia a sobrevivência. Essa é uma fala marcada pelo conformismo que os induz a aprender somente o que satisfaz às suas necessidades imediatas.

O ato de alfabetização enquanto ato criador defendido por Freire, em que o alfabetizando é visto como sujeito autônomo passa a ser visto como uma simples técnica de alfabetização em que o educando é considerado um ser desprovido de conhecimentos prévios. Neste contexto, a leitura de mundo que os sujeitos adultos trazem de suas vivências culturais e sociais são desconsideradas em detrimento da aquisição de alfabetização mecânica desprovida de significados para os alfabetizandos.

É importante destacar o fato de que a alfabetização funcional oferecida pelo MOBRAL ainda atribuía ao sujeito-aluno a responsabilidade pelo sucesso ou fracasso no processo de alfabetização. No contexto dessa discussão, Paiva. (2003, p. 355) enfatiza que a funcionalidade apresentada pelo Movimento é:

Tornada tarefa e responsabilidade individual daquele que se alfabetiza, o que – aliás – é inteiramente compatível com a mensagem difundida pelo material didático do MOBRAL: a da responsabilidade individual pelo êxito ou fracasso do alfabetizando em conseguir melhor salário e melhores condições de vida.

O discurso que responsabiliza os alfabetizandos pelo fracasso ou sucesso no processo de alfabetização é algo recorrente na fala de um ex-aluno, que impõe o limite do aprendizado a si próprio. Vejamos:

Eu aprendi pouquinho, mas aprendi o pouco que eu sei hoje foi no MOBRAL, se eu tivesse continuado tinha aprendido mais. Eu tive a oportunidade, mas parei [...], mas se eu tivesse continuado tinha terminado os estudos. **Então posso dizer que a culpa foi minha** que parei (JUVENAL, 63 anos).

Registramos, ainda, a fala do último entrevistado Marcelo sobre a continuidade de estudos, advinda de um processo de interação com familiares que valorizavam significativamente os estudos. O seu deslocamento do sertão alagoano para a cidade de Belo Horizonte foi decisivo para matricular-se no Programa de Educação Integrada, em 1974 e, daí em diante, ter tido oportunidade de concluir a escolarização desejada. Contou com muito entusiasmo:

Eu fiz tudo que o povo diz que é ruim na educação, eu fiz o MOBRAL, eu fiz o supletivo, [...]. Eu participei do ensino regular de forma paralela, porque depois eu fiz o curso técnico de contabilidade né? Fiz licenciatura em história e fiz o curso de direito, assim do ponto de vista regular, mas se analisar o fator de tudo isso aí decorreu justamente do MOBRAL, do Supletivo (MARCELO, 54 anos).

Acrescentou, com muita satisfação, que retornou à sua terra de origem, após aprovação em concurso público. O sucesso da sua vida atribui, como os demais, ao MOBRAL. Isso foi possível para Marcelo, porque acreditou na alfabetização oferecida pelo Movimento. Essa alfabetização “Foi o início de tudo”. Entendemos que Marcelo acreditou, também, nele mesmo, pois a sua escolarização foi marcada por entradas e saídas, como exemplifica, em um curso técnico de contabilidade, terminando a Educação Básica via Exame Supletivo⁹. Prosseguiu os estudos até à Universidade, cursando licenciatura em História e bacharelado em Direito, tratando, ambos os cursos como regulares, parecendo que o outro caminho foi “irregular”. Mas retoma o turno para dizer que “O fator de tudo isso aí, decorreu justamente do MOBRAL e do Supletivo”.

Fica explícito nos depoimentos que, para alguns sertanejos, o MOBRAL foi o ponto de partida para o prosseguimento dos estudos e, conseqüentemente, o encaminhamento de uma atuação profissional de destaque. Isso dependeu das condições que cada um teve de acesso a outras possibilidades, permitindo a continuidade dos estudos, no enfrentamento das dificuldades. Existiram também aqueles de condições adversas, que tiveram até mesmo dificuldade de terminar o período de alfabetização.

Entre as possibilidades, destacamos o caso dos ex-alfabetizados que se mudaram para a zona urbana ou já residiam por lá. No que se refere às adversidades citamos a escassez de escolas na zona rural, com turmas do PEI e as dificuldades de deslocamento para a sede do município, devido ao transporte que não existia. Eram necessários longos percursos a pé, depois de duras jornadas de trabalho braçal, que enfrentavam diariamente. Eram dominados pelo cansaço físico, o que inviabilizou também a frequência de muitos aos ambientes onde funcionavam as turmas do MOBRAL, na própria zona rural.

A intensa luta dos que puderam ter uma educação continuada, após o período de alfabetização, foi bem retratada nas falas dos ex-alunos do MOBRAL, que com esforços e intensas paixões pelo saber, realizaram sonhos, a exemplo de dona Josefa que se orgulha de ter sido alfabetizada pelo MOBRAL e é bem conceituada na comunidade local, porque:

⁹ Para Fávero *et al.* (2011, 375), “A Lei 5.692/71, criou os ensinos de 1º e 2º Graus e sistematizou o Ensino Supletivo, em termos de exames e cursos [ambos] na perspectiva da educação permanente”.

Consegui chegar na faculdade, apesar de muita dificuldade que a gente passou né? Às vezes eu desistia, mas depois continuava de novo. Quando eu terminei a fase integrada, que eu fui fazer a quinta série, aí eu parei 12 anos, fiquei 12 anos parada, mas depois continuei (JOSEFA, 62 anos).

Fernando também é outro exemplo. Segundo o declarante:

Quando surgiu o MOBRAL, foi a primeira oportunidade que eu encontrei e me encaixei logo eu já tinha a força de vontade. Aí continuei e hoje sou professor, já me aposentei com trinta anos de trabalho (FERNANDO, 69 anos).

Registramos também depoimentos de pessoas que não encontram muito sentido na alfabetização ou não tiveram a oportunidade de dar continuidade aos estudos como o Sr. Juvenal, de 62 anos, que desabafou, dizendo: “A gente não pensava em estudar pra mudar de vida não que nem é hoje. Ninguém pensava em se formar um dia, em arrumar emprego não!”.

Observamos que, tardiamente ou não, o MOBRAL ofereceu a possibilidade da continuidade dos estudos, por meio do PEI, embora muitas pessoas não tenham conseguido concluir o período de alfabetização e outras não tenham continuado os estudos. Essa era uma realidade muito distante na vida do sertanejo, porque a sua atuação não veio acompanhada de outras políticas públicas sociais, que permitissem, entre muitas necessidades, minimamente facilitar o deslocamento.

Dessa forma, a continuidade dos estudos parece ter sido um privilégio de poucos, sobretudo daqueles que moravam na zona urbana e de algumas pessoas que moravam em localidades mais próximas da sede do município, e que apesar de enfrentarem uma maratona diária, deslocavam-se a pé de suas casas para chegarem aos locais onde estavam instaladas as salas do PEI, predominantemente em escolas.

4 Considerações finais

As vozes dos ex-alunos trouxeram reflexões diferenciadas sobre o MOBRAL, das que comumente esperamos, sobretudo, em relação ao lugar, o sertão santanense, de onde falaram esses sujeitos. Isso nos fez compreender e, sobretudo, perceber as ressignificações que podem ser construídas nas práticas desenvolvidas em um Movimento com a dimensão que teve o MOBRAL.

No que se refere ao significado das ações alfabetizadoras do MOBRAL na perspectiva dos ex-alunos a pesquisa evidenciou a forte aprovação do Movimento, uma vez que este se apresentava como a primeira oportunidade de acesso ao ensino para os sujeitos sertanejos entrevistados, que à época residiam na zona rural do município em estudo, o que dificultava ainda mais a apropriação de ações governamentais, de maior concentração na cidade sede do município.

Por motivos como estes, todos os sujeitos entrevistados, avaliaram de maneira positiva a atuação do Movimento no município de Santana do Ipanema, destacando com saudosismo as contribuições advindas das ações de alfabetização e outras, que foram implementadas pelo MOBRAL no sertão alagoano nas décadas de 1970 e 1980.

As contribuições que os sujeitos da pesquisa apresentaram foram diversas. Situam-se desde a possibilidade de apropriarem-se da leitura e da escrita, mesmo de forma mecânica à “elevação” da economia do comércio do município de Santana do Ipanema, que não foi objeto de estudo, neste artigo, devido à circulação dos recursos advinda, mensalmente, do pagamento da bolsa aos alfabetizadores, que possibilitou a complementação da renda de muitos sertanejos, que naquele momento histórico sofriam com a ausência de melhores fontes de renda, que garantissem o sustento de suas famílias.

No sentido das possibilidades concretas de prosseguimento dos estudos promovidas aos recém-alfabetizados, pelo Movimento, a investigação apontou limitações. Entre elas, destacou-se a centralização do PEI, no município sede, o que inviabilizou a frequência da maioria dos alunos e alunas que moravam nas comunidades mais afastadas do perímetro urbano. Percebemos que a oportunidade de continuidade dos estudos foi possível somente para aqueles alfabetizando que, por meio de um grande esforço diário, puderam deslocar-se do seu *habitat* e frequentarem as aulas no período noturno, após uma cansativa jornada de trabalho.

A continuidade para a minoria dos ex-alunos foi considerada como divisor de água nas suas vidas, uma vez que, sem esta oportunidade, não teriam naquele contexto histórico a possibilidade de aprender a ler e escrever e “descobrir as coisas do mundo que o matuto não conhecia” (Fala de um interlocutor). Permitiu também exercerem funções na comunidade onde vivem, como ser comerciário, professor-a, entre outras.

Atrele-se a isso, o fato de que naquele período histórico não se contava com política educacional que garantisse a matrícula dos alunos alfabetizados em etapas subsequentes de estudos, e a Educação de Jovens e Adultos estava distante de constituir-se um direito.

É importante destacar que mesmo aqueles ex-alunos que nem tentaram a continuidade dos estudos, bem como outros, que lutaram exaustivamente em permanecer estudando e desistiram, reconhecem o Movimento como algo singular em suas vidas e se culpabilizaram por não terem continuado. E ainda afirmaram que o pouco que sabem é fruto da alfabetização do MOBRAL que os ajudou a ler e a escrever as primeiras letras. Não fizeram referências a outras interações que tiveram.

Nessa linha de raciocínio, sem pretensões saudosistas, acreditamos que é conveniente estudar, também, o quanto se perdeu com a extinção deste Movimento, sobretudo no sertão alagoano. O MOBRAL, nesta localidade, ainda carece de reflexões, uma vez que se configura um campo fértil, para pesquisa em Alagoas, devido à ausência de memória escrita.

Referências

ARROYO. Os movimentos sociais reeducam a educação. In: **Educação popular, movimentos sociais e formação de professores: outras questões, outros diálogos**. ALVARENGA, Márcia Soares *et al* (ORGS.). Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2012.

BARRETO, José Carlos; BARRETO, Vera. Um sonho que não serve ao sonhador. **Construção coletiva: contribuições à educação de Jovens e adultos**: Brasília: UNESCO, MEC, RAAAB, 2005.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembranças de velhos**. 3.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CASTRO, Josué de. **Geografia da fome: o dilema brasileiro: pão e aço**. 10 ed. Rio de Janeiro: Antares, 1983.

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

CORRÊA, Arlindo Lopes. **Educação de massa e ação comunitária**. Rio de Janeiro: AGGS: Mobral, 1979.

FÁVERO, Osmar *et al*. Educação de jovens e adultos: um olhar sobre o passado e o presente. In: **Inter-ação**. Revista da Faculdade de Educação. UFG, Goiânia, v.36, 2011.

_____ *et al*. História e memória da educação popular em Tefé-AM. In: **Diversidade na educação de jovens e adultos**. FÁVERO, Osmar e PEIXOTO, Maria das Graças Sá Peixoto Pinheiro (Orgs.). Brasília: Líber Livros, Manaus, Edua, 2012.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática de liberdade**. 14. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

JANNUZZI, Gilberta Martino. **Confronto pedagógico: Paulo Freire e MOBRAL**. São Paulo, Cortez: Autores Associados, 1987.

LIMA, Nilzete Souza Silva de. **Campanhas de alfabetização de adultos e de jovens e adultos em Maceió:** Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL, 1967-1985) e Programa Brasil Alfabetizado (PBA, 2003-2010). 2010. 135 f. Dissertação (Mestrado em Educação Brasileira). Centro de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira – Universidade Federal de Alagoas. Maceió, 2010.

MELO, Adriana Ferreira: **O lugar-sertão:** grafias e rasuras. Dissertação (Mestrado em Geografia) Instituto de Geociências, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.

MELO, Floro de Araújo; MELO, Darci de Araújo. **Santana do Ipanema conta a sua história.** Rio de Janeiro: Borsoi, 1976.

MELO, Orlinda Carrijo. **Alfabetização e trabalhadores:** o contraponto do discurso oficial. Campinas: Editora da UNICAMP; Goiânia/ GO: Editora da UFG, 1997.

MOREIRA, Ruy. **Pensar e ser em geografia:** Ensaios de história, epistemologia e ontologia do espaço geográfico. São Paulo: Contexto, 2011.

PAIVA, Vanilda. **História da educação popular no Brasil:** educação popular e educação de adultos. 6 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

PORTELLI, Alessandro. **Ensaio de história oral.** São Paulo: Letra e Voz, 2010.

RAMOS, Graciliano. **Viventes das Alagoas.** 19. Ed. Rio de Janeiro: Record, 2007.

RICARDO, Maria do Socorro Farias. **Diálogos com Santana iconográfica:** de Zabé Brincão aos nossos dias. Florianópolis: Literatura em Santa Catarina, 2009.

SOARES, Magda. Letramento e escolarização. *In:* RIBEIRO, Vera Masagão. (org.). **Letramento no Brasil:** reflexões a partir do INAF 2001. São Paulo: Global, 2003.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado:** história oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

UNESCO. **Guia prático de alfabetização funcional.** Lisboa: Editora Estampa, 1975.